



As simbólicas viagens pela água: a direção da morte e do desconhecido em *O outro pé da sereia*, de Mia Couto

The symbolic journeys by the water : the direction to death and to the unknown in *O outro pé da sereia*, by Mia Couto

Luara Pinto Minuzzi¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a simbologia de viagens de barco no romance *O outro pé da sereia*, de Mia Couto. Em específico, foram eleitas aquelas jornadas pela água relacionadas com a morte e com a busca pelo desconhecido. Para o estudo das simbologias que os barcos carregaram ao longo dos séculos, foram escolhidos, como suporte teórico, obras de Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Mircea Eliade e Carl Gustav Jung.

Palavras-chave: Teorias do imaginário; Mia Couto; simbologia do barco

ABSTRACT: This study aims to analyze the symbology of the boats in *O outro pé da sereia*, by Mia Couto. In particular, those journeys by the water related to the death and to the possibility search for the unknown. For the study of the symbology that carries the boats over the centuries, it was chosen, as theoretical support, works by Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Mircea Eliade and Carl Gustav Jung.

Keywords: Theories of the imaginary; Mia Couto; boat symbology

"A morte é uma longa viagem, meu caro amigo" (CARDOSO, 2001, p. 272)

Em 1560, portugueses e escravos negros navegam pelas águas do oceano Índico na nau *Nossa Senhora da Ajuda*. O jesuíta Gonçalo da Silveira vai a bordo e seu objetivo é levar a fé católica à corte do Império de Monomotapa, localizada no interior de Moçambique, e ao seu imperador Nogomo Mupunzangatu. Já em 2002, os habitantes de Vila Longe, lugarejo igualmente moçambicano, viajam pelas águas, nem sempre navegáveis e dóceis, cheias de bifurcações e diferentes caminhos a serem escolhidos, da identidade. Essas duas histórias intercalam-se ao longo do romance *O outro pé da sereia*, de Mia Couto. Como elas se relacionam? O que há em comum entre ambas? Que elemento as liga?

Este artigo propõe-se a evidenciar como a personagem Mwadia Malunga, ex-moradora da Vila Longe do século XXI, constitui-se como elo entre as duas partes da

¹ Bolsista CNPq de doutorado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: luarapm@gmail.com.

narrativa do escritor africano. Para isso, serão utilizadas as teorias do imaginário e o foco recairá sob a simbologia dos barcos, barcas, navios, canoas – enfim, qualquer meio de transporte aquático, presenças recorrentes, marcantes e decisivas no enredo.

Começamos, então, pela viagem de barco como símbolo da busca pelo misterioso, pelo oculto – umas das marcas da trama que se passa no século XVI. O filósofo Gaston Bachelard explica que nenhum objetivo simplesmente, puramente prático explica e justifica uma viagem pelo mar, devido ao imenso risco, principalmente na época dos primórdios das grandes navegações, envolvidos em tal empreitada. Sobre essa questão fala José Mattoso, especificadamente, em relação ao imaginário marítimo medieval português: o autor enfatiza os perigos dos mares e dos oceanos, pois existia a crença de que, quanto mais o homem se afastava da costa, do mundo habitado, maior o caos, maiores e mais estranhos os monstros e animais que poderiam ser encontrados. O mundo, assim, era dividido entre espaço cósmico (o conhecido, o habitável) e o orbe terrestre, "[...] donde nascem toda a espécie de excessos, a confusão e o perigo mortal" (MATTOSO, 1998, p. 55). Ao se aventurar pelo oceano, o homem estaria se aventurando pela morte.

Portanto, apenas uma razão muito profunda e essencial faria o homem deixar a terra firme, seu porto seguro, para procurar o não conhecido, o terrível. Bachelard revela, então, que, "para enfrentar a navegação, é preciso que haja interesses poderosos" (BACHELARD, 1997, p. 76). Que "interesses poderosos" seriam esses? Para Bachelard, são "[...] os interesses que sonhamos, e não os que calculamos. São os interesses fabulosos" (Ibid., p. 76). Ele conclui afirmando ser o primeiro marujo "[...] o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto" (Ibid., p. 76). E, em *O outro pé da sereia*, fica bastante claro que a compra, venda e troca de escravos, assim como outras transações e práticas econômicas, ficavam em um segundo plano: o sonho dos portugueses era levar a civilização à África e cristianizar todos os povos pagãos, para o seu bem e salvação. O narrador apresenta tal anseio do jesuíta Dom Gonçalo da Silveira da seguinte forma: "Por fim, África inteira emergiria das trevas e os africanos caminhariam iluminados pela luz cristã" (COUTO, 2006, p. 51).

Em *O outro pé da sereia*, ainda são relatados os perigos enfrentados no mar, o que ressalta quão fundamental era o serviço prestado pelos colonizadores aos colonizados, a ponto de os fazerem deixar seus portos seguros. Ao longo da jornada, a nau depara-se com terríveis tempestades e muitos tripulantes morrem devido a pestes que, silenciosamente, se disseminam entre todos, ricos ou pobres, e também devido à fome – a situação era tão crítica que o médico a bordo, o goês Acácio Fernandes, explica: "sofria-

se de castigos pela ousadia de navegar para além do horizonte, fazendo destino onde os céus se separam da terra" (COUTO, 2006, p. 111).

Além disso, é preciso ressaltar o fato de esses perigos encarados no mar irem além de fenômenos físicos ou naturais:

Quando saíra de Goa, ainda na proteção do estuário, a viagem surgia como um caminho dócil. Mas quando o mar se desdobrou em oceano e o horizonte todo se liquefez, lhe veio uma espécie de tontura, a certeza de que o chão lhe fugira e a nau vogava sobre um abismo. Silveira não tinha dúvida: chegara ao irreversível momento em que a água perde o pé e o mar abandona o suave maneirar dos rios. Dali em diante, o mundo se resumiria àquela nau, rompendo caminho entre domínios que eram mais do Diabo que de Deus. (Ibid., p. 54 e 55).

Dessa forma, é possível perceber a ambivalência do elemento aquático, que pode ser benéfico ao homem quando misturado com os outros três elementos, terra, fogo e ar (como estavam os portugueses no início da jornada, "na proteção do estuário"), ou terrível quando isolada, ou seja, quando longe da costa, quando se transforma em oceano e não há nada além de água a ser visto:

Uma coisa é a água como elemento, quando entra em composição com os outros três, porque então é essencial, fecunda e benéfica, outra como lugar onde se encontra praticamente isolada de todos os outros elementos, porque aqui é, pelo contrário, esterilizante, perturbadora e mortal. (MATTOSO, 1998, p. 51 e 42)

Mattoso ainda cita os monstros encontrados tanto no mar quanto em pedaços de terra longínquos, extremamente afastados dos limites do que era considerado o orbe terrestre, a parte habitável do planeta: tritões, nereidas, delfins, monópodes, hípodas, ictiófagos (pertencentes, com certeza, aos domínios do Diabo do qual fala Silveira). África, a partir do ponto de vista dos europeus, era um desses territórios fantásticos e terríveis, como fica claro no pensamento do padre: "Para Dom Gonçalo da Silveira, África não era tanto um lugar como um campo de batalha. [...] O menino [Gonçalo] tinha os olhos ávidos

de histórias terríficas e, onde o pai pintava mouros e sarracenos, ele redesenhava monstros e assombrações" (COUTO, 2006, p. 252).

Entretanto, o próprio religioso, ao empreender a viagem com seus colegas portugueses a fim de salvar a alma dos africanos, percebe que "toda a sua vida imaginara que os demônios moravam no outro lado do mundo: em outra raça, em outra geografia. [...] Nos últimos dias Silveira confirmara que o Diabo fazia ninho entre os seus, os da sua origem, raça e condição" (COUTO, 2006, p. 255). Assim, quando ocorre uma terrível tempestade e as chances de o navio afundar e de todos morrerem tornam-se reais e próximas, a solução encontrada é atirar uma parte da carga para o mar: "Não era de um peso que se aliviariam. Mas de uma manifestação do pecado" (Ibid., p. 158) é a sentença do padre Manuel Antunes, mais jovem e menos convicto de sua missão em África do que Silveira. O homem pensa assim, pois comida e água para a subsistência dos escravos e demais trabalhadores do navio haviam sido deixadas em terra, a fim de dar espaço para especiarias caras, tecidos e pedras preciosas, além de outras mercadorias que enriqueceriam os lusitanos ávidos por lucros. Essa situação pode ser relacionada com o que afirma Bachelard em relação ao peso carregado pelos barqueiros da morte: "Se o peso que sobrecarrega a barca é tão grande, é porque as almas são culpadas" (BACHELARD, 1997, p. 82). Assim, as mercadorias jogadas à água podem ser tomadas como a representação material da culpa (do pecado, como diz Manuel Antunes) dos portugueses e da sua gana por riquezas.

Voltando à discussão em torno da ambivalência do elemento aquático, que pode representar tanto a vida quanto a morte, o benefício e o malefício, Nimi Nsundi, escravo congolês a bordo do navio, em uma carta de despedida para a criada indiana Dia Kumari, escreve: "A viagem está quase terminada. Daqui a dias chegaremos a Moçambique, os barcos tombarão na praia como baleias mortas. Não tenho mais tempo" (COUTO, 2006, p. 208). Nessa passagem, o personagem referia-se à sua tentativa de decapitar os pés da imagem de Nossa Senhora que Silveira levava consigo. Como, para ele, essa estátua era, na verdade, de Kianda, uma sereia, seus pés estariam desfigurando-a – e ele deveria consertá-la e libertá-la antes do término da viagem. Enquanto o homem arrancava um dos pés da figura da santa, Antunes o descobre e, assim, ele é condenado à morte, ou seja: se Nsundi referia-se à viagem de barco com destino a Moçambique como quase chegando ao fim, sua vida, sua jornada pessoal, igualmente estava próxima do término; ao dar vida à Kianda, deusa das águas, ele sentenciou-se à morte. Portanto, aqui aparece a viagem de barco, a viagem pela água como uma jornada com destino à morte e ao mundo dos mortos – relação que será aprofundada mais tarde. A chegada do navio ao

seu destino representa para Nsundi a sua chegada ao destino último e fatal de todos os homens.

O caráter ambíguo do elemento aquático já é ressaltado por Bachelard, quando o teórico fala das águas claras, primaveris e amorosas em contraposição às profundas, dormentes e mortas e afirma que esse elemento "[...] substância da vida, é também substância de morte para o devaneio ambivalente" (BACHELARD, 1997, p. 75). Tal polaridade é notada também na narrativa passada em Vila Longe. Nessa parte da trama, a viagem de barco simboliza a extensão que se deve percorrer para se ir do mundo dos vivos ao dos mortos, o único caminho ligando esses dois planos. Quem percorre essa distância é Mwadia: a mulher e seu marido, Zero Madzero, vivem em Antigamente, localidade completamente isolada. O casal encontra a estátua de uma santa – a mesma cujo pé fora retirado por Nimi no século XVI –, um baú com os documentos da nau *Nossa Senhora da Ajuda* e o esqueleto de Dom Gonçalo da Silveira, que estavam escondidos em um rio. Quando se inteira do ocorrido, o curandeiro Lázaro Ramos sentencia que Mwadia deveria voltar à Vila Longe, onde a moça havia passado sua infância e onde sua família ainda residia, a fim de encontrar um lugar seguro e sagrado para abrigar a imagem – caso contrário, uma terrível maldição recairia sobre Zero.

Por esse motivo, Mwadia regressa à sua terra natal e a viagem é realizado por via aquática. Uma vez que, como lembra Bachelard, "todos os rios desembocam no Rio dos mortos" (BACHELARD, 1997, p. 77), podemos pensar nessa travessia como uma jornada para o mundo dos que já se foram – ou uma jornada de volta ao mundo dos vivos, pois, ao longo da narrativa, surge a dúvida em relação a que personagens estariam vivos e quais estariam mortos.

Logo que a mulher chega à sua antiga aldeia, depois de deixar o marido em Antigamente, iniciam os rumores de que Zero já teria morrido há alguns anos – e, antes mesmo de deixar sua casa, ela diz perceber que o companheiro não deixa pegadas atrás de si e parece um fantasma. Ao final da trama, a mãe de Mwadia tenta chamá-la à realidade e relata as circunstâncias do assassinato: teria sido o próprio padrasto da personagem a matar Zero a facadas. A senhora, então, sentencia: "Quando você soube da notícia, você ficou maluca, filha. Enlouqueceu e saiu para esse lugar, para além das montanhas. É lá que vive sozinha, você e seus burros, seus cabritos" (COUTO, 2006, p. 327).

Por outro lado, há também evidências de que a situação seria justamente o inverso do que desejam crer o habitantes de Vila Longe: todos estariam mortos, menos Zero e Mwadia. Mestre Arcanjo, por exemplo, barbeiro e político de esquerda, exorta-a a deixar a

cidade imediatamente, perguntando se a mulher "nunca ouviu falar de terras que deixaram de constar? Foram varridas, erradicadas" (COUTO, 2006, p. 319). Além do local, os habitantes não constavam mais, pois não possuíam nem mais a capacidade de sonhar, como é ressaltado por Dona Constança, mãe de Mwadia. O narrador ainda relata como os cachorros da vila ficavam assustados com a chegada da jovem, "[...] como se há muito se tivessem desabitado do convívio humano" (Ibid., p. 119), como se há um longo tempo esses animais não houvessem cruzado com vivos. Até mesmo em relação aos americanos há indícios de morte, como quando a protagonista segura a mão de Rosie: "Mwadia estranhou o frio no corpo da estrangeira. Frio igual ela só tinha sentido quando tocou o cadáver de seu pai" (Ibid., p. 146).

Finalmente, quando Mwadia volta a Antigamente, o esposo lhe pergunta se as campos de Vila Longe estavam bem tratadas e lhe diz: "Custa-lhe aceitar, eu sei, Mwadia. Com o tempo você vai aceitar" (Ibid., p. 330). Logo depois, o narrador descreve a visão que toma a mulher: uma parede cheia de fotografias de todos os seus familiares e amigos de sua terra da infância – a "parede dos ausentes", costume de sua mãe, que pendurava o retrato de alguém assim que esse morresse. Além disso, o narrador adverte seu leitor que, no local onde Mwadia passara sua meninice, essa questão realmente é complexa, uma vez que lá "a morte não é exactamente um facto" (Ibid., p. 77): as pessoas falecem sem chegar a morrer, pois suas almas permanecem "entre sombras, suspiros e silêncios" (Ibid., p. 77). Quem realmente define a questão (ou define a natureza essencialmente indefinida da questão) é Constança: "A gente nunca sabe quando está morta" (Ibid., p. 146).

Ainda aparecem, ao longo de toda a narrativa, diversas sugestões relacionadas à existência de duas margens, de dois lados da existência. A protagonista, ao desembarcar em Vila Longe, afirma sentir "[...] saudade do seu oculto lugar, além do rio. Ao menos lá, em Antigamente, ela se esquecia de ter nome, ter rosto, ter idade (Ibid., p. 71); o narrador também afirma que Zero havia escolhido o seu destino, a sua morada, "para lá do rio, onde nenhum lugar é de viver" (Ibid., p. 88). Além disso, em uma conversa com Arcanjo Mistura, Mwadia explica a localização de Antigamente: do lado de lá do rio. Então, o interlocutor lembra-se: "A propósito de lado de lá: os meus irmãos também faleceram, você sabe?" (Ibid., p. 123).

Dessa forma, as referências a duas margens, neste romance de Mia Couto, sempre estão intimamente relacionadas com a ideia de vida e morte, do tênue limiar entre esses dois elementos e, conseqüentemente, da possibilidade de se passar de um ao outro através de uma viagem por água – o que reforça o já mencionado caráter ambíguo

desse elemento, símbolo tanto dos vivos quanto dos mortos, como ressalta o teórico das religiões Mircea Eliade: "princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda a manifestação cósmica, receptáculo de todos os germes, as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as coisas e para a qual voltam, por regressão ou cataclismo" (ELIADE, 2010, p. 153). Portanto, a água não apenas simboliza o início e o fim de vidas individuais, mas de toda a humanidade (o dilúvio, por exemplo, representa o fim de toda uma população nos mitos de diversos povos) – o que pode ter ocorrido em Vila Longe e em Antigamente, uma vez que, ao enxergar o padrasto, Mwadia diz ter "[...] a mesma sensação de irrealidade de quando contemplava Zero Madzero, na casa de Antigamente" (COUTO, 2006, p. 127) e, ao final da história, a protagonista ainda tem a visão da parede com as fotografias dos parentes e percebe que carrega nas mãos uma moldura sem imagem, a "foto do último ausente" (Ibid., p. 331). Com a frase que fecha o romance, é sugerido que esse último ausente seria seu marido, Zero Madzero: "Ainda hesitou, à saída do quintal, como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio" (Ibid., p. 331) – assim, existe a possibilidade de todos os personagens do livro, menos Mwadia, estarem mortos devido ao cataclismo que foi a guerra colonial e a posterior guerra civil em Moçambique.

Dessa forma, é através de uma viagem de barco que Mwadia vai do mundo dos vivos para o dos mortos – ou dos mortos para o dos vivos, cabe ao leitor escolher qual das possibilidades sugeridas pelo romance ele prefere. A personagem, então, exerce a função de um barqueiro e, segundo Bachelard, quando há um barqueiro em uma obra literária, sua figura é fatalmente tocada pelo simbolismo de Caronte, aquele que transporta os mortos para o Hades navegando pelas águas dos rios Estige e Aqueronte. O autor explica que "por mais que atravesse um simples rio, ele traz o símbolo de um além. O barqueiro é guardião de um mistério" (BACHELARD, 1997, p. 81).

E Mwadia, como uma barqueira exemplar, guarda um segredo, um mistério – e tal mistério é a chave, o ponto de união entre as duas partes da narrativa de *O outro pé da sereia*. Quando Benjamin e Rosie Southman (ele, afro-americano; ela, afro-brasileira) chegam a Vila Longe, a fim de realizar uma pesquisa sobre seu passado escravagista, Casuarino Malunga, empresário bastante interessado no dinheiro que os estrangeiros poderiam deixar para a comunidade, pede a todos os locais que apresentem aos dois uma África selvagem, primitiva – uma África que faz parte do imaginário de muitos, mas que já não corresponde (se é que alguma vez correspondeu) à realidade. Para isso, ordena a Mwadia que organize sessões de visitação: a mulher deveria fingir estar sendo

possuída por espíritos, por antepassados que contariam a história que Rosie e Benjamin ansiavam por ouvir.

Tais encenações são um sucesso: mesmo sua família e amigos acreditam Mwadia realmente estar falando pelos mortos, uma vez que ela "[...] seguia por improvisados caminhos" (COUTO, 2006, p. 234), não respeitando o roteiro combinado com Casuarino. O narrador compara as visitas a uma viagem de barco, pois os braços da personagem ficavam "[...] ondeando como se vogassem entre águas e nuvens" (Ibid., p. 233), como se esses membros fossem remos. A mulher também diz ver apenas água ao seu redor: "São ondas e ondas, rios cujas margens são rios, vou num oceano sem fim" (Ibid., p. 233). Percebemos, portanto, que a moça estava vendo, em sua alucinação, a viagem feita por Dom Gonçalo da Silveira e outros portugueses de Goa para Moçambique – justamente a excursão narrada na outra parte do romance, sobre a qual comentou-se anteriormente. Dessa forma, Mwadia liga não apenas os dois enredos do romance de Mia Couto, mas também presente e passado, vivos e mortos. Devido a essa função da personagem na trama, não havia nome mais adequado para ela: Mwadia significa canoa e o narrador, munido dessa sabedoria que é o imaginário e que está no âmago de todos, mesmo que inconscientemente, até dos mais racionalistas, afirma: "Ela cumpria sua vocação: como canoa ela estava ligando os mundos. [...] Mwadia estava realmente entrelaçando os tempos com as memórias, restituindo as cascas ao estilizado ovo" (Ibid., p. 236 e 237).

Porém, Mwadia não estava sendo visitada por espíritos exatamente da forma como os que a rodeavam imaginavam: suas viagens entre passado e presente eram realizadas através da leitura; sua canoa eram os livros – livros e documentos encontrados na baú de Gonçalo da Silveira, papéis dos americanos, volumes da biblioteca do padrasto. Assim, a personagem chega à seguinte revelação: "[...] um livro é uma canoa. Esse era o barco que lhe faltava em Antigamente. Tivesse livros e ela faria a travessia para o outro lado do mundo, para o outro lado de si mesma" (Ibid., p. 238). No momento em que ela inicia a leitura, seu olhos "[...] esvoaçaram sobre as páginas, viajando pelos séculos" (Ibid., p. 175).

Quando dona Constança descobre o segredo da filha, suplica: "Agora, leia para mim. Eu também quero ir nessa viagem..." (Ibid., p. 238). Assim, as duas mulheres, a cada tarde, viajavam pelas águas da história e do passado: "E foi assim que, mãe e filha, passaram a ocultar-se no bafiento sótão por tempos tão compridos que só seriam suportáveis se, naquele obscuro nicho, elas estivessem criando um outro tempo, só delas as duas" (Ibid., p. 239). E elas repetiram esse ritual até Jesustino, preocupado com a súbita felicidade da esposa e com o desleixo mostrado por ela em relação às tarefas

domésticas, proibir a presença de qualquer livro em casa. Então, para ludibriar a interdição, Constança e Mwadia decidem levar todos os papéis para o cemitério e navegá-los nesse lugar bastante apropriado para uma aproximação com os mortos e com o passado – além de ser compatível com uma das máximas da matriarca, que diz que os mortos não desejam flores, mas companhia.

Relacionada a essa situação vivida por Constança e Mwadia está a significação dada pelo antropólogo Gilbert Durand à barca. Desviando um pouco do que afirma Bachelard e ressaltando a polivalência desse símbolo, o autor aproxima-o do embalar materno, do berço, do invólucro, da casa ancestral. Para Durand, esse elemento pode representar a intimidade e constituir-se em algo tranquilizador, uma "segurança acolhedora" (DURAND, 2002, p. 251). Para ambas as mulheres, esses momentos em que faziam as palavras escritas de embarcação com destino a novas e diferentes realidades representaram uma reaproximação, uma volta da filha ao ventre materno, já que há muito tempo as duas haviam deixado de se ver e de se entender. Essa incursões pelo passado forneciam a elas a possibilidade de esquecer seu duro contexto e a reaprender a sonhar com uma vida melhor, e Constança agradece à outra: "Nunca eu lhe dei o que você está me dando agora, minha filha" (COUTO, 2006, p. 239). Agora mãe e filha compartilhavam uma ação não praticada por nenhuma das duas há muito tempo: o riso solto.

Além de um sentido concreto da viagem de Mwadia de Antigamente à Vila Longe, a viagem de barco ainda reveste-se de um outro caráter abstrato em *O outro pé da sereia*, pois representa uma morte simbólica: a morte da identidade. Para Bachelard, "a morte é uma viagem e a viagem é uma morte. 'Partir é morrer um pouco'" (BACHELARD, 1997, p. 77) e, quando os africanos são obrigados a deixar suas terras e partir em viagens de navio para a Europa, morrem um pouco, perdem pedaços e fragmentos da sua substância, da sua essência, apesar dos esforços no sentido de manter as tradições. Esse fenecimento fica bastante claro quando pensamos no personagem Nimi Nsundi, originário do Congo. O homem era ajudante de meirinho no navio, posição bastante elevada para um escravo, e servia de intérprete para os portugueses em territórios africanos. Dia Kumari, aia indiana de uma senhora portuguesa, lhe acusa de ter se tornado um colonizador e o próprio Nimi afirma "a minha língua é o português, nunca mais terei outra" (COUTO, 2006, p. 61). Posteriormente, ele explica a Dia que seu esquecimento das origens é apenas aparente: ele, por exemplo, parece adorar a imagem de Nossa Senhora, mas, na verdade, é Kianda, a deusa das águas, que está aprisionada na estátua da santa que ele venera. Porém, sua identidade não é mais a mesma, pois ele diz que "de todas as vezes que rezei não foi por devoção. Foi para me lembrar. Porque só

rezando me chegavam as lembranças de quem fui" (Ibid., p. 113). Assim, percebe-se que é necessário um esforço da parte de Nsundi para se recordar daquele que ele foi antes de os lusitanos lhe levarem em barcos e navios.

Para Benjamin Southman, americano que foi à África, à Vila Longe, em busca de suas raízes, a viagem de barco representa a perda e a tentativa de recuperar sua identidade – pois, como é explicado, o estrangeiro "[...] se sentia como um rio a quem houvessem arrancado a outra margem" (Ibid., p. 137). Se seus antepassados foram arrebatados de suas terras e levados para a América em navios, a cena em que o homem decide navegar pelo rio Zambeze é bastante significativa da busca pelo resgate de uma essência há muito desaparecida, da sua outra margem, da sua África perdida. A intempestiva viagem ocorre quando o americano extorque um dos habitantes de Vila Longe a fim de descobrir seu novo nome africano, que apenas seria revelado em uma cerimônia de batismo. Depois de conseguir o que desejava e de descobrir que o seu novo eu chamava-se Dere Makenderi, Benjamin decide navegar no sentido contrário ao da corrente, pois "[...] seu destino era a nascente, nas rochas montanhosas. Pretendia saber se ele próprio, Benjamin Southman, era navegável até desaguar em Dere Makenderi" (Ibid., p. 287). Lembrando-se constantemente de que seu nome já não era mais Benjamin, mas Dere Makenderi, o estrangeiro exclama:

Já não sou mais afro-americano, pensou. Agora que tinha um nome novo, pouco lhe interessava pertencer a uma identidade maior. Ao fim ao cabo, o Mestre Arcanjo Mistura estava com a razão. Ter pátria, ter raça, nacionalidade: que importância tinha? Bastava-se assim, Dere Makenderi, criatura muito pessoal e intransmissível. Um homem subindo um rio à procura da nascente. Da sua nascente. (Ibid., p. 287 e 288).

Em sua travessia de barco, portanto, Benjamin descobre que, mais do que africano ou americano, ele era Benjamin – ou Dere, mas, e é isso o mais importante, o homem descobrira ser simplesmente ele mesmo. Essa viagem, assim, assume a conotação de viagem para dentro, viagem interior – e se, para Durand, como já foi discutido, a barca é um invólucro, é um símbolo da intimidade, ela também pode anunciar um virar-se para dentro de si mesmo, um olhar para a individualidade de cada um. E, assim como o afro-americano, todos em Vila Longe estão há muito tempo cegos para seus eus: Zeca Matambira, ex-puligista e funcionário dos correios, não aceitava a raça que vestia e

passava cremes clareadores na pele; Jesustino trocava de nome a cada desgosto ou infelicidade sofridos para, com o batismo, tornar-se uma nova pessoa sem memórias; Lázaro Ramos, o curandeiro, dava voltas à árvore do esquecimento, ritual que levava ao apagamento do passado, etc.

Se Mwadia é o elo entre as duas narrativas que compõem o romance de Mia Couto a partir das suas navegações pelo mundo da leitura, ela também é o ponto de intersecção das viagens de Nimi Nsundi e de Benjamin Southman em busca de suas identidades perdidas. Em uma das sessões de visitação, Mwadia realmente entra em transe (pois ela afirma que "agora, minha mãe, eu vou lendo em livros que nunca ninguém escreveu" COUTO, 2006, p. 269) e revela que o último parente do americano em África era justamente o ajudante de meirinho congolês. Ele teria tido um filho com Dia Kumari e a mulher e o bebê viajaram à América. Assim, Mwadia esclarece para Southman as suas origens – origens pelas quais ele tanto procurava – e devolve a Nsundi sua descendência. Ela liga, dessa forma, as duas margens do Atlântico.

Finalmente, Bachelard diz que "a morte não seria a *última* viagem. Seria a *primeira* viagem. Ela será, para alguns sonhadores profundos, a primeira viagem verdadeira" (BACHELARD, 1997, p. 75, grifos do autor). Se assim for, Nimi Nsundi, Constança, Jesustino, Zero Madzero, Benjamin Southman e todos os outros personagens de *O outro pé da sereia* – personagens que o leitor não sabe se habitam o mundo dos vivos ou dos mortos – podem estar empreendendo sua primeira viagem verdadeira e, por isso, estão dando início a um processo de busca e de descobrimento de profundidades, obscuridades e segredos que não seriam possíveis de serem encontrados quando em vida. Mwadia Malunga, protagonista da narrativa, é a barqueira que os conduz e guia através desses mistérios.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CARDOSO, Boaventura. **Mãe, materno mar.** Porto: Campos das Letras, 2001.
- COUTO, Mia. **O outro pé da sereia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MATTOSO, José (1998), "O Imaginário Marítimo Medieval" in "Pavilhão de Portugal, exposição Mundial de Lisboa de 1998 – Catálogo Oficial".